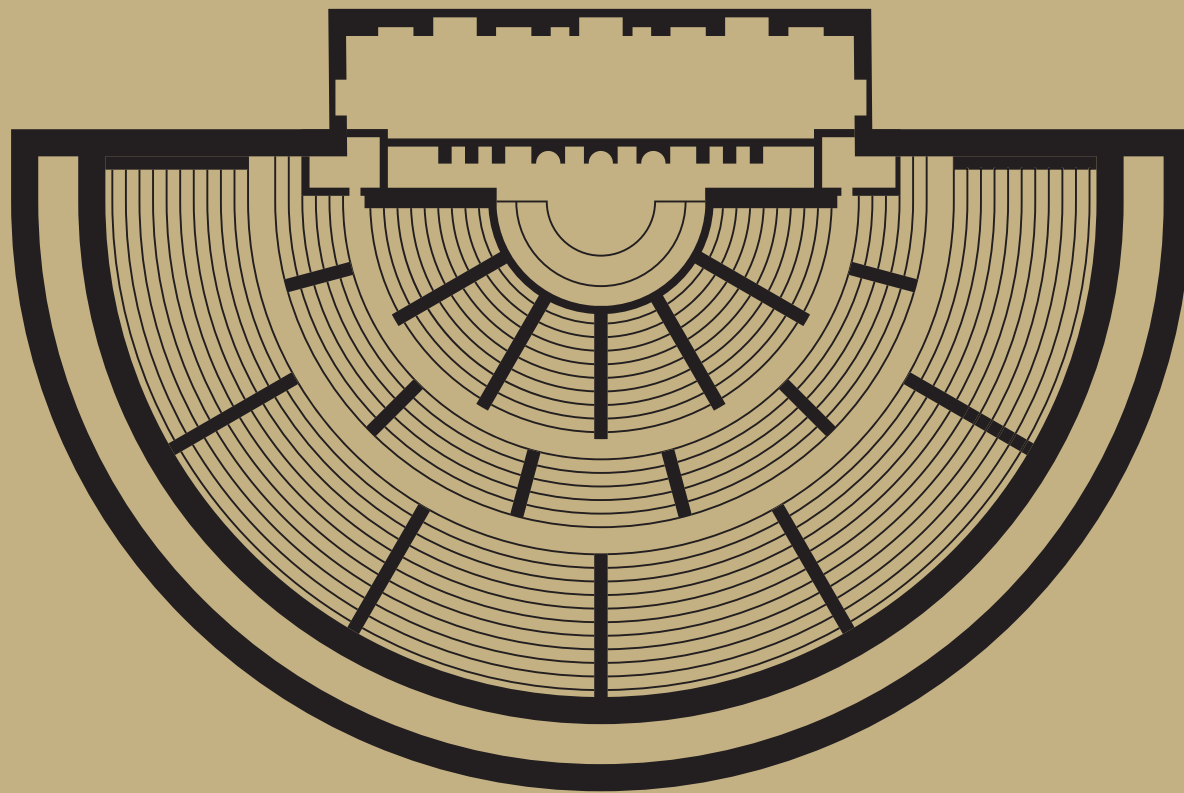


MMXXI - 2021

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ATAS DO COLÓQUIO
IRISALVA MOITA
- VIDA E OBRA -





VOLUME II

MMXXI - 2021

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| EDITORIAL | 4 |
| PROGRAMA DO COLÓQUIO | 9 |
| DEPOIMENTOS | 17 |
| ATAS DO COLÓQUIO | 23 |
| Na esteira de Irisalva Moita Uma nova vida para o Museu da Cidade e sua transformação em Museu de Lisboa Joana Sousa Monteiro | 24 |
| Irisalva Moita e o processo de escavação do teatro romano de Lisboa Lídia Fernandes | 44 |
| Irisalva Moita e a Lisboa de Santo António Pedro Teotónio Pereira | 60 |
| Os saloios Irisalva Moita, uma ímpar investigadora do povo de Lisboa Ana Paula de Sousa Assunção | 70 |
| Memórias de duas intervenções O remanescente do Hospital Real de Todos-os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001 André Bargão, Sara Ferreira e Rodrigo Banha da Silva | 80 |
| Évora & Lisboa – Quinhentista A Imagem e a Vida da Cidade Felix Teichner, Ana Gonçalves e Rita Torres Vaz Freire | 92 |
| Irisalva Moita and the Megalithism of Beira Alta Some reflections, half a century later João Carlos Senna-Martinez e Ana Cristina Martins | 108 |
| Irisalva Moita e o megalitismo alentejano (1952-1953) Leonor Rocha | 122 |
| Irisalva Moita, a "Estação Pré-Histórica de Vila Pouca" e a vertente norte de Monsanto Uma revisão dos dados antigos e novas considerações Carlos Didelet, Eva Leitão e Guilherme Cardoso | 136 |
| 1973: São Vicente segundo Irisalva Moita Paulo Almeida Fernandes | 150 |
| Irisalva, uma inesquecível personagem Cristina Ramos e Horta | 166 |
| Irisalva Moita e o Museu Bordalo Pinheiro Pedro Bebiano Braga | 174 |
| Irisalva Moita e a construção do Museu da Cidade de Lisboa Ana Cristina Leite | 186 |
| ABSTRACTS | 201 |

IRISALVA MOITA, A HOMENAGEM NECESSÁRIA

Joana Sousa Monteiro
Diretora do Museu de Lisboa / EGEAC

Irisalva Moita foi uma mulher extraordinária, dotada de uma determinação férrea colocada ao serviço do conhecimento, da defesa e da divulgação da história e do património de Portugal e, muito em particular, de Lisboa.

Foi a criadora do antigo Museu da Cidade de que o Museu de Lisboa é direto herdeiro, bem como arqueóloga de renome, responsável por escavações fundamentais como as do Hospital Real de Todos os Santos e do Teatro Romano de Lisboa. Irisalva Moita marcou de modo indelével as décadas de 1960 até aos anos 90, nas áreas da história, da arqueologia e da museologia portuguesas.

Sendo o Museu de Lisboa absoluto devedor da sua obra e legado, antes de mais, pela própria criação, em 1979, da entidade museológica que o originou, era da maior relevância a realização de uma homenagem consistente a Irisalva Moita, que apenas pecou por tardia.

Decidiu, então, o Museu de Lisboa celebrar a vida e obra de Irisalva Moita através de um programa diversificado concretizado em maio de 2019: a conceção e lançamento da edição *Irisalva Moita – um percurso fotobiográfico* (autoria de Margarida Almeida Bastos e Rita Fragoso de Almeida); a organização de um Colóquio sobre Irisalva

Moita e a sua obra, coorganizado pelo Museu de Lisboa e pela Sociedade de Geografia de Lisboa e que teve lugar nos Paços do Concelho e no Auditório Adriano Moreira na SGL; e a disponibilização de um pequeno Roteiro da Lisboa de Irisalva.

O segundo número da nova revista científica *Scaena*, editada pelo Museu de Lisboa – Teatro Romano e dedicada à Lisboa em época Romana, à arqueologia na cidade e à sua história, corresponde às atas do Colóquio sobre Irisalva Moita. Conta, assim, esta publicação com textos sobre o trabalho de Irisalva relativo à (re)descoberta do Teatro Romano de Lisboa, à constituição do antigo Museu da Cidade e sua posterior evolução, e a alguns aspetos dos seus estudos sobre a história de Lisboa. Também aqui encontramos artigos referentes às particularidades da sua personalidade marcante, e ainda ao resultado de investigações de Irisalva noutras zonas do País, nomeadamente na Beira Alta, no Alentejo e em Monsanto.

O conjunto dos textos publicados constitui um corpo significativo de testemunhos do seu extraordinário legado científico. É nosso dever, mas, mais ainda, nossa honra e privilégio poder contribuir para a investigação e para a divulgação da obra de Irisalva Moita.

IRISALVA E LISBOA

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC

Falar de Irisalva Moita é falar de Lisboa. Há pessoas que nos evocam de imediato algo e Irisalva Moita tem a particularidade de nos fazer evocar várias sensações e múltiplos aspetos em simultâneo. São tantos quantos os temas a que se dedicou, desde a arqueologia à história, ao património ou à museologia.

Dentro destes grandes campos do conhecimento são variadíssimos os assuntos que prenderam a sua atenção, sobre os quais escreveu, analisou e investigou. Ao passar os olhos pelas obras que redigiu, artigos que publicou e relatórios que saíram do seu punho fica clara esta multiplicidade de interesses que caracterizam um espírito desperto, curioso e verdadeiramente *sui generis* e voluntarioso. A sua condição de mulher, aspeto não despiciendo tenho em conta a época em que viveu e os primeiros tempos em que decorreu o começo da sua vida profissional em Lisboa, serão marcantes no seu destino, tanto para o bem como para o mal.

Lisboa, uma cidade profundamente retrógrada e onde o peso do masculino continuaria a ser determinante durante muito tempo, deixou as suas marcas no percurso de vida de Irisalva, o que se manifestou, desde logo na Faculdade de Letras, onde se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas e, mais tarde no início da sua carreira como docente da mesma instituição, e que teve o seu epílogo com a rescisão do seu contrato em 1957.

Este início de carreira, simultaneamente auspicioso e desencorajador, provou que Irisalva era talhada para voos mais altos, não enquadráveis nas paredes austeras de instituições comandadas por alguns homens. Curiosamente, será outro homem, o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que lhe dará as convenientes condições à implementação da primeira experiência de arqueologia urbana em território nacional, através do convite que lhe endereçou de encetar o ambicioso projeto de colocar à vista o teatro romano de Lisboa.

A sua tese de Licenciatura, apresentada em 1949 e que nunca chegou a publicar, teve como título *Para o estudo do Problema Físico e Filosófico da Casualidade*, tema que nos parece inesperado perante o percurso da investigação, essencialmente de caráter histórico, que posteriormente desenvolveu, mas que é claramente elucidativo da vastidão dos seus interesses.

É precisamente essa característica que ressalta da bibliografia produzida por Irisalva. Temas como os Descobrimentos, o tráfico escravagista, a cultura castreja e megalítica, a ourivesaria, a arquitetura contemporânea, a iconografia de Lisboa, a ceramologia, o urbanismo, povos indígenas de Angola, mosaicos romanos ou a arte funerária lusitano-romana ...

A realização de um colóquio dedicado a Irisalva não necessitaria de justificação. Constituiu um dever nosso, uma obrigação e uma homenagem de quem herdou a sua experiência, a sua investigação, as suas descobertas e conhecimentos. Relembrar esta estudiosa e apaixonada da cidade faz-nos perceber o quão pequenos somos perante o tanto que Irisalva fez e nos deixou.

Apresentar em papel os contributos dos vários investigadores sobre Irisalva, apresentados no Colóquio que teve lugar nos Paços dos Concelho e na Sociedade de Geografia de Lisboa nos dias 9 e 10 de maio de 2019 em Lisboa, representa o desfecho natural de uma homenagem queurgia ser feita e que, esperemos, não seja a única. Alguns dos textos que aqui se incluem constituem a continuação de trabalhos pioneiros realizados por aquela investigadora. Esta publicação presta justiça à sua investigação comprovando que o conhecimento se produz cumulativamente.

Pessoalmente, enquanto arqueóloga que trabalha no teatro romano de Lisboa desde 1989, é para mim uma honra ter conhecido Irisalva e ter continuado, de algum modo, o trabalho por ela iniciado no teatro romano de Lisboa.

A possibilidade de dedicar o número 2 da *Revista Scaena*, revista editada pelo atual Museu de Lisboa – Teatro Romano, constitui uma singela homenagem à memória de Irisalva.



PROGRAMA DO COLÓQUIO

IRISALVA MOITA

VIDA E OBRA

9 — 11 MAIO 2019

9 MAIO 2019

PAÇOS DO
CONCELHO

9.30H

ABERTURA DOS TRABALHOS

**Apresentação da Sr^a Vereadora da Cultura
da CML Catarina Vaz Pinto**

**Apresentação da Diretora do Museu de Lisboa
/ EGEAC - Joana Sousa Monteiro**

10.00H - 10.30H

“ENTREVISTA A IRISALVA MOITA”

Documentário (Videoteca Municipal de Lisboa)

10.30H - 11.00H

IRISALVA MOITA: UM NOME

Paulo Pereira*

11.00H - 11.25H

NA ESTEIRA DE IRISALVA MOITA

Uma nova vida para o Museu da Cidade
e sua transformação em Museu de Lisboa

Joana Sousa Monteiro

11.25H - 11.45H

CAFÉ

11.45H - 12.10H

IRISALVA MOITA E O PROJETO DE INTERVENÇÃO DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

Lídia Fernandes

12.10H - 12.30H

IRISALVA MOITA E O AZULEJO PORTUGUÊS

José Meco*

12.30H - 13.15H

MESA REDONDA

A propósito do depoimento de
Mila Simões de Abreu “Irisalva Moita
- recordações privadas”, conversa
e intervenção de Marília Moita Teixeira
de Sousa, Maria Adriana Nóbrega Simões
e outros familiares de Irisalva Moita

Moderação de Paulo Almeida Fernandes

13.15H - 15.00H

ALMOÇO

15.00H - 15.25H

IRISALVA MOITA E A LISBOA DE SANTO ANTÓNIO

Pedro Teotónio Pereira

15.25H - 15.45H

OS SALOIOS

Irisalva Moita, uma ímpar
investigadora do povo de Lisboa

Ana Paula Assunção

15.45H - 16.05H

MEMÓRIAS DE DUAS INTERVENÇÕES

O remanescente do Hospital Real de
Todos-Os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001

**André Bargão, Sara Ferreira,
Rodrigo Banha da Silva e André Teixeira**

16.05H - 16.25H

CAFÉ

16.25H - 16.50H

IRISALVA MOITA (1924-2009)

Um percurso singular na
Arqueologia portuguesa

Carlos Fabião*

16.50H - 17.10H

DA PANORÂMICA DE LEIDEN À ACADEMIA DE BELAS-ARTES

A propósito dos estudos de iconografia
de Lisboa na obra de Irisalva Moita

Maria Helena Barreiros*

17.10H - 17.30H

ÉVORA – QUINHENTISTA

A Imagem e a Vida da Cidade

**Felix Teichner, Ana Gonçalves
e Rita Torres Vaz Freire**

18.30H

APRESENTAÇÃO DA FOTOBIOGRAFIA DE IRISALVA MOITA

Museu de Lisboa - Palácio Pimenta

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR

10 MAIO 2019

SOCIEDADE
DE GEOGRAFIA
Auditório
Adriano Moreira

10.30H

ABERTURA DOS TRABALHOS

com o Sr. Presidente da Sociedade de
Geografia de Lisboa, Professor Catedrático
Luís Aires-Barros

10.45H - 11.15H

IRISALVA MOITA E O MEGALITISMO DA BEIRA ALTA

Algumas reflexões, volvido meio século

Ana Cristina Martins e
João Carlos Senna-Martinez

11.15H - 11.35H

IRISALVA MOITA E O MEGALITISMO ALENTEJANO (1952-1953)

Leonor Rocha

11.35H - 11.55H

IRISALVA MOITA E A “ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE VILA POUCA”

Carlos Didelet Vasques, Eva Leitão
e Guilherme Cardoso

11.55H - 12.15H

CAFÉ

12.15H - 12.40H -

A LEGENDA DE SÃO VICENTE

Antes e depois de Irisalva Moita

Paulo Fernandes

12.40H - 13.00H

CASAS DE MEMÓRIA POR LISBOA

Onde Nasceram, Viveram ou Faleceram
- Personalidades que Identificam a Cidade

Augusto Moutinho Borges e Adelaide Nabais*

13.00H - 13.20H

IRISALVA, UMA INESQUECÍVEL PERSONAGEM

Cristina Ramos e Horta

13.20H - 15.30H

ALMOÇO

15.30H - 15.55H

RAFAEL BORDALO PINHEIRO E O MOBILIÁRIO EXPOSITOR

Pedro Bebiano Braga

15.55H - 16.15H

IRISALVA MOITA PIONEIRA DA ARQUEOLOGIA URBANA DE LISBOA

Carlos Fabião*

16.15H - 16.35H

IRISALVA MOITA E A CONSTRUÇÃO DO MUSEU DA CIDADE DE LISBOA

Ana Cristina Leite

16.35H - 17.30H

MESA REDONDA

A propósito do depoimento de Cristina
Ramos e Horta “Irisalva, uma inesquecível
personagem”: conversa com Salette Salvado,
Raquel Florentino e Ana Cristina Leite

Moderação de Assunção Júdice

11 MAIO

MUSEU DE LISBOA
TEATRO ROMANO

11.00H

“AS LISBOAS DE IRISALVA”

Apresentação do Mapa / Roteiro

11.30H - 12.00H

PERCURSO E VISITA

* O TEXTO RELATIVO À COMUNICAÇÃO ORAL NÃO FOI ENTREGUE PELO AUTOR



Aspeto dos trabalhos no dia 10 de maio no Auditório Adriano Moreira na Sociedade de Geografia de Lisboa.
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Aspetos dos trabalhos no dia 9 de maio na Sala do Arquivo dos Paços do Concelho
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Visita ao Museu de Lisboa - Teatro Romano e apresentação do "Roteiro As Lisboas de Irisalva"
© José Avelar, Museu de Lisboa / EGEAC



Capa do roteiro. © Cathrin Loeferle

DEPOIMENTOS



“A MINHA INESQUECÍVEL PRIMA ZAVA”

Maria Adriana Nóbrega Simões

A AUTORA DO ARTIGO NÃO ESCREVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Ainda muito miúda passava, por vezes, um ou dois dias, na Quinta da Liberdade, onde uma outra mãe, a minha prima, também de nome Liberdade, cuidava, carinhosamente, de mim. Encantava-me o grande pomar de variadas árvores de saborosos frutos, que faziam a delícia de familiares e amigos a quem eram, generosamente, oferecidos. Aí, podia correr, saltar, trepar às árvores, sempre sob vigilância atenta da minha “mãe Liberdade”.

Com maçãs do pomar, a minha querida tia Justina (irmã de meu pai), enchia enormes tabuleiros, assando-as no forno, transformando-as, assim, num verdadeiro manjar dos deuses. O cheiro espalhava-se pela casa, envolvendo-a no doce aroma dos frutos que cresciam livremente, ao sabor da natureza.

Enquanto a minha tia era uma mulher muito doce, generosa e de uma humildade invulgar, empenhada no seu trabalho de cuidar da casa, dos muitos filhos e de outros tantos sobrinhos que, da quinta, faziam o seu espaço de eleição, o meu tio José, homem de constituição frágil, de longas barbas, (que me causava algum temor e muito respeito), era um republicano indomável, de grande verticalidade, não receando o cárcere, que, por vezes, experimentou, corajoso, inteligente, culto, feroz defensor da legalidade, lutou, contra ventos e marés, pelos seus ideais republicanos. Por outro lado, a sua grande sensibilidade manifestava-se, não só em relação à família, mas também no amor que dedicava às árvores do seu pomar que, tão carinhosamente tratava.

Um homem que não tinha a lágrima fácil, mas que, um dia, chorou, copiosamente, quando morreu uma laranjeira do seu pomar, como se de um familiar se tratasse.

De cada um deles a minha prima Zava herdou as qualidades que, fortemente, marcaram o seu carácter.

Dela, o registo mais antigo que guarda a minha memória, tem a ver com a sua despedida, nas vésperas de embarcar para Lisboa, quando foi a casa dos meus pais dar a notícia e despedir-se. Apesar da minha tenra idade, lembro-me, perfeitamente, desse momento, talvez porque tanto me impressionou a sua beleza e simpatia. Na verdade, nas minhas breves estadias na Quinta, no meio de tantos primos, era com os mais novos que me relacionava.

Só em Lisboa, quando me matriculei na Faculdade de Letras, no curso de História, é que, verdadeiramente, conheci a minha prima Zava. Nela vi sempre uma mulher de grande verticalidade e de forte carácter, bem patente na luta que tão dignamente travou, enquanto docente da Faculdade; uma mulher discreta, humilde, mas frontal na defesa dos seus ideais, por vezes, esgrimindo até contra poderosos; uma mulher incansável, competente, rigorosa e exigente no trabalho, para com os outros, mas também para consigo própria; uma autêntica guerreira na luta contra as agressões ao património olisiponense, de que muito se queixava; uma mulher afável, a sombra amiga e acolhedora para irmãos, sobrinhos, primos, que, depois dela, rumaram para Lisboa. Para todos era uma referência, a palavra certa, o conselho avisado, o centro do universo familiar.

“A MINHA TIA ZAVA”

Marília Teixeira de Sousa,
Com o apoio precioso da minha prima Ireneia Melo

A AUTORA DO ARTIGO NÃO ESCREVE SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Jamais esquecerei a sua recomendação: “Nunca digas, na Faculdade, que és minha prima”. Percebi o conselho e, efectivamente, nunca referi o nosso grau de parentesco. O que é certo é que ele foi conhecido na Faculdade. Talvez o apelido e a origem nos tenham atraído.

Mais tarde, talvez por isso, ou talvez não, sofri alguns dissabores, o mais grave dos quais consistiu em nunca ter saído, em pauta, a avaliação do meu trabalho preparatório, para desenvolver a tese de licenciatura sobre Numismática de Angola. Todos os colegas foram avaliados. Eu, não. Dirigi-me à secretaria, onde ninguém sabia o que se passava; inquiri junto da direcção, da Professora Virgínia Rau, que nada me soube dizer; o meu professor orientador disse desconhecer as razões da minha “exclusão”, ou talvez não mas quisesse transmitir por insondáveis razões, só dos deuses conhecidas.

O tempo correu sem resposta, até que a tese de licenciatura foi abolida...

Mas voltemos à casa da Quinta da Liberdade

A casa da Quinta da Liberdade sempre foi um aprazível local de convívio de familiares e até de refúgio, como aconteceu quando explodiu o material bélico, existente no paiol, nas imediações da casa dos meus pais, provocando estilhaços nas redondezas e, naturalmente, um grande alarme.

Com apenas 15 dias de vida, vi-me envolvida numa fuga precipitada que teve como objectivo, alcançar a Quinta da Liberdade, situada fora do perímetro da cidade. E por lá ficámos alguns dias, até se esclarecer o que acontecera e se acalmarem os ânimos.

A casa da minha prima Zava, que conheci, na Av. Elias Garcia em Lisboa, era, como a casa da Quinta da Liberdade, de que foi eco, um local de convívio, de discussão de encontro e desencontro de ideias sobre temas vários, entre os quais, arte, política, história, arquitectura, museologia e fatalmente... Lisboa. Lisboa o grande amor e a grande preocupação da minha prima Zava, que encontrou no seu marido, o primo Zé Huertas, o apoio cúmplice, a força de caminhar em conjunto.

A minha tia Zava deixou-nos num dia 13 de Junho, dia de Santo António e de Lisboa. Da Lisboa que ela amava e do Santo por quem nutria grande ternura!

O seu nome Irisalva foi criado pelo seu pai, que ela orgulhosamente evocava, e cujo significado explicava: “Eu nasci às cinco horas da manhã! E o meu pai chamou-me Íris – Alva, Mensageira da Alva, Estrela da Manhã”.

Nascida numa família numerosa, a sexta de doze irmãos, era uma miúda magra, alta, loira e sardenta, destacando-se pelo seu espírito rebelde e combativo aliado à sua grande dedicação aos estudos. Trepava a todas as árvores da «Quinta da Liberdade» para apanhar os frutos com que se deliciava!

Energia, paixão, inteligência, integridade, generosidade, competência, eram algumas das suas características. Era uma líder nata, dotada de uma curiosidade sem limites, tudo a interessava e deliciava-se por descobrir coisas novas. Foi uma Mulher batalhadora (ela própria se definia como «corajosa, lutadora, atrevida») que, em 1944, rumou, sozinha, de Sá da Bandeira (Angola), para Lisboa, para se licenciar em História e Filosofia.

Conheci pessoalmente a minha tia, aos 11 anos, entre 1956/57, quando vim de Luanda, com os meus pais e irmão, gozar a ‘licença graciosa’ e ficámos na sua casa que partilhava com as irmãs Biba e Elda. Foram uns meses de deslumbramento pela descoberta de um ambiente que eu desconhecia. Sentadas no chão, as minhas tias corriam apaixonadamente sobre cinema, arte, história, literatura,

eu sei lá... mas, para minha grande mágoa, como andava no Liceu, a minha tia Zava obrigava-me a estudar e eu não podia desfrutar completamente dessas conversas! Já nessa altura eu sentia por ela um grande respeito e admiração. Lembro-me que era assistente na Faculdade de Letras e que houve uma récita, encenada pelos alunos, em que a retratavam como uma mulher bonita e elegante, mas também muito exigente, numa canção baseada na marcha popular do Bairro Alto, de 1955: “Passa ó Bairro Alto passa” e que dizia mais ou menos isto: “Ralha Irisalva, ralha, com todos ralha connosco até, Passa Irisalva, passa, Cheia de graça, mostrando quem é”.

Também colaborava no Museu Arqueológico «Dr. José Leite de Vasconcelos» onde começou por fazer inventariação.

Voltei ao seu contacto quando vim para Lisboa, terminar o meu curso de Agronomia, no período 1966-1971 e depois da descolonização de Angola, em 1975, e até à sua morte em 2009.

Vivi durante um ano em sua casa, quando frequentava o Instituto Superior de Agronomia. Com frequência, acompanhava a minha tia ao seu trabalho, no Museu da Cidade, e às ruínas do Teatro Romano de cujas escavações era responsável. Adorava estas idas! Íamos de manhã cedo e passávamos pela pastelaria Suíça para tomarmos o pequeno-almoço. A minha tia dava nas vistas pela sua elegância, beleza e exotismo e, mal o empregado a avistava, fazia imediatamente o seu pedido, antes de ela o formular! A seguir subíamos a Rua de São Mamede às Caldas e chegávamos ao teatro romano. Os gabinetes de trabalho e os achados arqueológicos encontravam-se

numa vivenda localizada em frente às ruínas, com uma vista espectacular sobre o rio Tejo e bem guardadas pelo Urbano.

Desses tempos recordo-me das conversas infindáveis entre ela e o marido, o meu tio Zé Huertas, com quem formava um casal muito cúmplice, em termos intelectuais e políticos. A Arqueologia, a História, a Museologia, a Política, eram uma fonte inesgotável de assunto. Eram capazes de passar um dia inteiro a visitar um museu e não se cansavam. E adoravam viajar, tanto no estrangeiro como no país, havia sempre qualquer coisa nova a descobrir.

Tal como as minhas primas, Heralda e Neia, tive sempre o seu afecto e apoio, acompanhando sempre os nossos estudos, saúde e bem-estar. 'Tia-galinha', ficava toda orgulhosa com as nossas pequenas vitórias, incentivavamos a querer mais e melhor, mas não nos perdoava nem erros premeditados nem preguiça, eram coisas que não admitia no seu universo. Muito conservadora quanto a costumes, não me deixava sair com o meu namorado à noite exigindo que eu entrasse em casa até às 20h00. Regras aplicadas, também, às minhas primas. Intitulava-se a "Tia Patrocínio" da "Relíquia" do Eça de Queiroz.

Orientava e acompanhava, de muito perto, os nossos percursos académicos e profissionais, assim como dos outros sobrinhos e, mais tarde, dos sobrinhos netos por quem manifestava muito carinho e encantamento.

Eram sagrados os sábados em sua casa. Eu e a minha prima Neia (que, na altura, também se encontrava cá a estudar Biologia) marcávamos presença ao almoço e depois íamos ao Superfrutas Almeidas tomar o café e comer um gelado Bévita, um luxo! Ao lanche chegava o meu tio Ote (o irmão mais novo), com o seu sentido de humor muito característico, que nos fazia rir até às lágrimas. Era um momento de tertúlia fantástico, onde tudo se discutia e a moda não escapava documentada pelas revistas francesas 'Elle' e 'Jours de France'. Era o seu lado 'coquette' que também me transmitiu.

Estes encontros foram enriquecidos com mais elementos da família após a descolonização. A troca de ideias, por vezes, aquecia... defendiam ideologias antagónicas.

Mas tudo passava, os laços familiares falavam mais alto. A sua casa era a «Casa-Mãe» da nossa família.

Que mais há a recordar desta tia que foi uma referência para nós?

- Os épicos passeios no «latinhas», um Citroën Dyane azul claro, conduzido pelo «exímio» condutor, tio Zé Huertas, co-pilotado pela tia Zava que até sugeria as mudanças adequadas embora nunca tenha tirado carta de condução! O tio queria desfrutar das paisagens e do luar... Perigo à parte, o objectivo era enriquecer o nosso conhecimento sobre Portugal, a sua História, as suas Gentes. E ainda tínhamos direito a um lauto piquenique;

- A casa de Janas, perto das Azenhas do Mar, embelezada por uma buganvília, em caramanchão, de portas abertas para todos;

- No conforto da sua casa, na Av. Elias Garcia, muito feliz quando a íamos visitar;

- A falar sobre Lisboa, a cidade que para ela não tinha segredos;

- A desempenhar as tarefas mais variadas, como, por exemplo, na cozinha, a inventar novos pratos... ou a ensinar novos pontos de croché...;

- Sempre a trabalhar, mesmo depois da reforma, na sala, numa mesinha com rodas cheia de blocos escritos;

Como diz a minha prima Heralda: «Gosto tanto de me lembrar da minha tia, tão linda, tão elegante, também vaidosa, com o seu cheirinho a 'Chanel 5', que nos recebia de braços abertos, com um grande sorriso e com um mimo especial para cada um de nós...».

ATAS DO COLÓQUIO

IRISALVA MOITA AND THE MEGALITHISM OF BEIRA ALTA

Some reflections, half a century later

**João Carlos
Senna-Martinez**

Centro de Arqueologia (Uniarq)
da Universidade de Lisboa 1600-2014
LISBOA. SGL (Secção de Arqueologia)
smartinez@fl.ul.pt

Ana Cristina Martins

IHC – Polo da Universidade de Évora.
Centro de Arqueologia (Uniarq)
da Universidade de Lisboa.
SGL (Secção de Arqueologia)
acmartins@uevora.pt

N uma reflexão recente (Senna-Martinez, 2018) um dos autores reencontrou um texto de 1966 em que Irisalva Moita procedia a uma primeira tentativa de arrumação e visão de conjunto da multifacetada realidade que, já na década de sessenta do século passado, era manifestamente parte integral da problemática do megalitismo do Centro de Portugal. Texto que é suportado por material de arquivo identificado por outro dos autores (Martins), e agora apresentado pela primeira vez.

Meio século volvido e como sobejamente ficou demonstrado em congresso recente (Senna-Martinez, Diniz e Carvalho, 2018), as realidades são outras e reflectir sobre as posições assumidas por aquela autora implica necessariamente contextualizá-las no tempo e espaços respectivos de uma Arqueologia de finais do Estado Novo, suas virtudes e constrangimentos.

OS AUTORES DO ARTIGO NÃO ESCREVEM SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

“enviei ao Sr. Prof. Manuel Heleno uma cópia da “Descrição dos espólios das antas exploradas pelo Doutor Leite de Vasconcelos no distrito de Viseu e dos espólios das antas exploradas por Maximiliano Apolinário na Beira Alta, em exposição no Museu Etnológico”, que constituía o fulcro do meu relatório”

"I sent to Professor Manuel Heleno a copy of the "Spoils' description of the explored dolmens by Sir Leite de Vasconcelos at Viseu district an dolmens' spoils explored by Maximiliano Apolinário at Beira Alta, exhibited in the National Museum of Ethnology", that constituted the fulcrum of my report" (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/10.12.1955. Unpublished)

I Brief previous words

This could easily be a paper on women in archaeology, from a gender and women's perspective (Cooke, 2013; Diaz-Andreu & Sørensen, 1998; Frink & Weedman 2006). Instead it is on a Portuguese woman - Irisalva Moita - who dedicated all her life to archaeology, urban archaeology, museums, and heritage. This means that such a paper should be on women, science and heritage, and Moita plays an important role in the establishment and development of what means today 'heritage', 'urban heritage', and 'heritage safeguard'. However, we have only time and place to explore one of her multiple activities: the study of megalithism in Beira-Alta (North-centre of Portugal). Firstly, we will try to understand how she came to archaeology.

II In the beginning: origins and academic trajectories

Irisalva Constância de Nóbrega Nunes Moita (Irisalva Moita) was born in Sá da Bandeira, Angola, on 21st May 1924. Her parents were José Nunes Moita (died in 1946), a municipal employee, and early retired due to illness, and Justina de Nóbrega Nunes Moita, mother of her nine brothers.

In Angola, she finished from High School 'Diogo Cão', in 1944, with the final evaluation of 17 in 20 possible, being *the History subjects ranged between 15 and 18 values* (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/03.01.1952. Our translation. Unpublished). Getting a grant from the Province of Angola to pursue her studies in the Metropolis, Irisalva came to Lisbon in this same year. Receiving the grant through the "Casa dos Estudantes do Império" ('House for the Students of the Empire'), she began to study at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon (FLUL)⁰¹. In 1946, she was living in the street Barão de Sabrosa, Penha de França, and had *a good moral and civil behaviour* (AH-Reitoria UL/Processo do Liv.12/F. 369. Unpublished).

In July 1949, she graduated in Historical and Philosophical Studies with the final classification of 13 values and best classifications in History, ranged between 14 and 17.

The times, however, were not easy. Since 1947, Irisalva was getting supplementary financial assistance from her brothers and started to give private classes at home. Perhaps this experience, as a teacher, and the distress of not becoming an university professor, motivated her to attend other university college subjects such as Pedagogy and Didactics from the Course of Pedagogical Sciences. And may explain how she got a fulltime job as a teacher in two private schools in Faro, Algarve.

But clearly, this was not her career project.

Strengthening personal relations with former professors, especially Manuel Heleno (1894-1970), Irisalva stated that she would "try to apply to a place in such official, state institutions, such as museums, etc., where I could continue my research work. [...] I talked about this desire of mine to my former professor, *Manuel Heleno who gave me all his support.*" (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/13.02.1952. Our translation. Our italic. Unpublished).

⁰¹ — At the Faculdade de Letras – the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, with the Portuguese acronym FLUL.

And, in the beginning of 1952, she was already working at the *Museu Nacional de Etnologia Dr. J. Leite de Vasconcelos* ('National Museum of Ethnology, Dr. J. Leite de Vasconcelos – nowadays the National Museum of Archaeology), directed by Heleno, then Full Professor at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. There, Irisalva organised the index of the Museum's journal, *O Arqueólogo Português* ('The Portuguese Archaeologist') (1895).

Finally, she was once again in Lisbon, living in Quelhas street. This was the city where she would become archaeologist.

Nonetheless, Irisalva attends voluntarily other Faculty subjects, this time at the Course of Pedagogical Sciences: Scholar Psychology and Mental Resources. A rather unexpected decision considering her research goals. On the other hand, it could be understandable as a way of preparing a plan B in case of something would go wrong with her archaeological plans and she needed to go into teaching. But this is something we will have to quest further.

In January of this same year (1952), Heleno sent a letter to the *Instituto para a Alta Cultura* ('nstitute for Higher Culture') (IAC) (1936-1952), underlining that the IAC 'Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos' ('Historical and Archaeological Study Center.') (1942), attached to the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, was meant to promote research amongst young graduate students. Unfortunately, the Center was not able to guarantee grants to all of them. Overcoming this demanding situation – he believed – a full renovation of the Center, splitting it in two others, one of which – the archaeological one –, should be attached, not to the Faculty, but to the Museum:

In this way, the Archaeological Study Center will have its own and stimulating atmosphere, given by the rich museum collections, its specialised library, the journal Arqueólogo Português, Etnos and other publications where could be published the work produced about such collections
(IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/27.01.1952. Our translation. Unpublished)

Certainly, this was not the only or the main reason for this suggestion. But this is not the purpose of our paper. What really matters now is that Heleno argued further that if IAC agrees with the proposed renovation, he will indicate Irisalva for a grant, considering her well known research qualities. Qualities that should be clear during the development of the research programme, both in the field and in the Museum, complemented by oral papers to be presented to international meetings, such as the *National Congress of Archaeology*, and the *International Congress for Pre and Proto-historic Sciences*, planned for Spain in 1953 and 1954.

Concretely, what was Irisalva's research project about?

Reading it, we conclude that she was firstly committed to classic archaeology, especially to the study of roman mosaics in Portugal, remembering the authority of the previous work by José Leite de Vasconcelos (1858-1943).

Moreover, in her own words, the roman period was:

Because it seems to me of fundamental interest for the understanding of História Pátria ('Homeland History) in its first phase - that of the formation of the nationality - because I believe that its profound influence on the life of the people of Hispania, I am especially interested in the study of classical archaeology: Greek and Roman. Through it, it is a whole world that unfolds in the eyes of the curious of this History - a world that reveals itself [...] more universally Mediterranean and European. [...] // Among the possible archaeological material, I consider of special interest - as an expression of social-economic living, of religious and political mentality, of aesthetic sensitivity - artistic monuments. And among these, I would like to study mosaics in particular [...] // So I followed the words of Prof. José Leite - "Archiving the mosaics and studying them is a non-depreciable service" (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/27.01.1952. Our translation. Our italics. Unpublished)

Finally, IAC satisfied partly Heleno's proposal. Instead of a Centre for Archaeology, IAC established a Section for Archaeology attached to the Museum, within the already existing Centre for Historical and Archaeological Studies, under the directorship of the FLUL Full Professor of Archaeology, Manuel Heleno, a practice that will continue till 1974.

And it was thanks to this Section that Irisalva got her first IAC's grant, just as happened with other Portuguese women in archaeology during those times (Martins, 2016).

Despite the passion for the roman archaeology, and her interest in improving her studies on this, Irisalva's first field works were on megalithism, in 1952. More precisely in Alentejo, where she excavated a dolmen in Pavia during for two weeks with the help of some local men (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/13.06.1952. Unpublished).

In the meantime, probably due to the contingencies of life for a Portuguese young female graduate in the 20th century 50s Irisalva's,

activity in this field were diverted from the middle of the year onwards, to give myself to the careful preparation for the entrance exam to the Internship at the Museum Conservators positions that took place last October and where I was admitted, occupying the position of 1st place
(IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/15.12.1953. Our translation. Our italics. Unpublished)

An internship (1953-1955) that would shape her future professional life, while set out to continue exploring the dolmens in Alto Alentejo, and began to give classes at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon – in 1954-1955, and as 2nd assistant – thanks to Heleno's, and Virginia Rau's (1907-1973) proposal. By then, Irisalva lived in Campolide.

But some episodes were about to change Irisalva's professional life.

Her wish was to become university professor. The path seemed to be prepared for her to fulfil it.

Notwithstanding, Irisalva continued to ask to be involved in field projects such as the reanalysis of dolmens from the region of Viseu, Beira Alta, studied by Leite de Vasconcelos, in order to prepare his *Inéditos* ('Unpublished Papers'), since, in Heleno's own words, *there are important gaps, which should be filled in order to make the work worthy of its Author* (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/23.08.1955. Our translation. Unpublished). A work to be presented at the 1st National Congress of Archaeology (Lisbon, 1958) that demanded the transfer of a sum of money from the project of Alentejo dolmens, through an allocation proposed by Heleno and immediately accepted by the IAC:

Approaching the centenary of the birth of Dr. Leite de Vasconcelos and intending the scholarship holder Irisalva C. N. N. Moita to associate with the publication of dolmens explored by that illustrious archaeologist in the region of Viseu, I [Heleno] asked you [IAC's Presidency] to deign to transfer the funds that had been granted to her through the IAC's Historical and Archaeological Study Center for excavations in the Alentejo (Mora region) to be used in the visit and study of dolmens in that region of Viseu (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/23.08.1955. Our translation. Our italics. Unpublished)

Thus, in 1955, as a scholarship holder of the IAC, Irisalva began the study that would lead to the publication of her paper on the dolmens of Beira Alta.

All seemed to be gone well when suddenly, and long before the inauguration of the above-mentioned Congress, Irisalva's grant came under the supervision of Virginia Rau.

In 1956, and still giving her classes as 2nd assistant, Irisalva informs the IAC that, thanks to Rau, she was then able to focus her Ph.D. thesis on a topic exclusively historical (not archaeological): "Slavery and currency in Angola during the 17th and 18th centuries". And this was the reason why she asked her grant to be transferred, from the Section of Archaeology to the Section of History, under the supervision of Rau (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/15.12.1956. Unpublished).

What happened? What justified this abruptly research shift? Could it be that what seemed to be a first desire – archaeology; classical archaeology – was in truth only a way to get a grant, and to give classes at University? Is it possible that once concluded the Course for future Museum Curators, Irisalva turned her back to her real scientific research goal, totally historical, and not so much archaeological? A course of action that, by the way, she finished with the writing and public presentation of an internship report entirely dedicated to the Museum of Ethnology - *Ante-projecto para a arqueologia do futuro Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos* ('Preliminary project for the archaeology of the future Dr. Leite de Vasconcelos Ethnological Museum') -, which was full of criticisms, not all positive? But we must remember that it was afterwards, when Heleno proposed her for an IAC grant (*vide supra*). One could go on speculating, but the reason had a name: Heleno, as Irisalva herself has mentioned directly to one of us (Ana Cristina Martins). But this was her personal vision.

Of course, there was a reason for all this change: Heleno's demand for the original photos taken by Irisalva both dolmens from Beira Alta, and artifacts exhibited in the Museum. And the reason was quite simple in his view, as they "were *State property*, since the photo rolls were delivered to her by this Center (Archaeological Study), together with the camera, to be used in an official mission" (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/2.º volume/10.09.1958. Our translation. Our italics. Unpublished). An allegation consecutively denied by Irisalva, while she opposed Heleno's intention of publishing her field reports. On the other hand, Heleno tried to prevent Irisalva from consulting Leite de Vasconcelos original notes on the subject, as she wanted to publish her work on dolmens in the journal *Revista de Guimarães* before the printing of *Inéditos de Leite de Vasconcelos* ('Unpublished works by Leite de Vasconcelos') (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/2.º volume/11.02.1960. Unpublished).

Regardless of either episodes, or (eventually) directly connected to them, in July 1957, the Scholar Council of the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, based on a proposal signed both by Heleno and Rau, broke the contract with Irisalva, suggesting the existence of other unknown reasons that stood behind this decision (AH-Serviço de Pessoal/FLUL/V. único/ICNNM. Unpublished).

Even so, Heleno would be in favour of writing that Irisalva's work as 2nd assistant had been *intelligent* in order to guarantee her IAC's grant (AH-Actas do Conselho/FLUL/T. 9 [A 6]. 31.10.1957. Unpublished)

Afterwards, in 1958, Irisalva was already working as a grantee at the IAC's *Centro de Estudos de Etnologia Peninsular* ('Centre for the Study of Peninsular Ethnology') (1947-1967), attached to the Faculty of Sciences, University of Oporto, and directed by Mendes Correia (1888-1960). It was under his supervision that she analysed national and foreigner bibliography, studied classical texts referring *Lusitânia*, and gathered data on geographic implantation of hillfort (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/2.º volume/12.12.1958). A work that would lead her to visit several collections and museums, including the *Museu Etnográfico da Província da Beira-Alta* ('Ethnographic Museum from the Province of Beira-Alta'):

This small sample of the museum established in the old Misericórdia building is practically abandoned. Without constituted direction, it vegetates with the taste of one or the other "volunteer" that dedicates, when he can, his leisure. For this reason, the few pieces he owns are still unidentified and some are at risk of being confused, as is the case with those kept in shop windows, whose origin cannot be accepted, today without any reservations. The enthusiasm that involved the idea of organizing this Museum, which could become a cultural institution of great interest [...] was slowly dying, eroded by the flames of rivalries and by a lack of encouragement (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/2.º volume/12.12.1960. Our translation. Our italics. Unpublished)

III

An “unpublished” megalithic Beira-Alta: from revising and completing the work of J. Leite de Vasconcelos to Irisalva’ paper

Na Beira-Alta, minha pátria, andei pelas altas serras de Sátão, entre o Vácua e o Paiva, e ahi, e nos concelhos de Fornos-de-Algôdres e de Mangualde, explorei umas dezassete orcas ou dólmenes da idade da pedra polida, tendo trazido para o Museu Ethnologico os pecúlios archaicos que desenterrei

In Beira Alta, my homeland, I walked by the high mountains of Sátão, between the Vácua and the Paiva, and over there, and between the parishes of Fornos-de-Algôdres and Mangualde, I explored roughly seventeen dolmens from the age of the polished stone, whose have brought to the National Museum of Ethnology the archaic vestiges that I dig up (J. Leite de Vasconcelos, (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa. Imprensa Nacional. Vol. I, p. XXVII)

This sentence written by José Leite de Vasconcelos, in the introduction of the *Religiões da Lusitânia*, summarizes well the main aspect of this researcher’s interventions in what we would today designate as the Recent Pre-History of Beira-Alta, that is, the concern with the “megalithic phenomenon”.

When in 1983 one of us started the personal journey that would lead to the elaboration of his Doctoral Dissertation (Senna-Martinez, 1989), it soon became evident that a profound review of previous works in our area of study and bordering spaces was unavoidable. That meant an evident emphasis on the results obtained by the first Professor of Archaeology at the University of Lisbon and today housed in the Museum that keeps his name.

The first of the thirteen interventions directed by José Leite de Vasconcelos in Beira Alta megalithic monuments took place in September 1892⁰² at the

⁰² — Leite de Vasconcelos describes this intervention in Volume I of *Religiões da Lusitânia*, first published in 1897. In this way, the reference he makes later – when he published in 1904 the complete data of the intervention (Vasconcelos, 1904, pp. 303-308) – to an intervention in 1902, can only be understood as a “typographical rook”.



Fig. 1 – Casa da Orca da Cunha Baixa (July 1985).
Fig. 2 – Casa da Orca da Cunha Baixa (drawn by Francisco de Almeida Moreira – cf. Vasconcelos, 1897a: Fig.60).



“Casa da Orca da Cunha Baixa” (Vasconcelos, 1897, p. 271). The first author formerly visited the site in July 1985 (Fig. 1) and found a very similar situation to the one drawn by Francisco de Almeida Moreira and published by Leite de Vasconcelos (Fig. 2 – Vasconcelos, 1897, Fig. 60). The monument would later be restored by Raquel Vilaça and Domingos Cruz in 1987 (Cruz and Vilaça, 1990).

The first impression that we have of Leite de Vasconcelos’ account is therefore, in the face of the constraints of the time, of a great rigor in the observations produced. Such was also the tonic in all further twelve field interventions that, until 1912, he will continue in “sua Beira-Alta” – ten until 1896 and only two more already in 1912⁰³. However, in 1895, Maximiano Apolinário, then collector of the Ethnological Museum⁰⁴, was instructed to intervene in five other monuments⁰⁵.

The importance of the materials collected by Leite de Vasconcelos in several of the monuments that he intervened notwithstanding – especially in the monuments of Juncais, Tanque and Forles (Vasconcelos, 1897; Senna-Martinez, 1989, 1995) – something will escape this researcher, as well as those that followed him until the late sixties of the 20th century: that the artefactual contents of the great megalithic monuments of Beira-Alta represent what can be called a true “cultural palimpsest”, an accumulation of undifferentiated periods and re-uses and, most of the times, stratigraphically disturbed – a fact that can be generalized to other peninsular cultural areas.

Meanwhile what was the state of archaeological research associated to the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon (FLUL)? Between 1911 and when he turned 70 years old in 1929, José Leite de Vasconcelos accumulated the directorship of the *Museu Etnológico*⁰⁶ with the appointment of, in between other scientific disciplines, Professor of Archaeology at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon.

⁰³ — José Leite de Vasconcelos directly intervened in the following dolmens of Beira-Alta: 1892 - Casa da Orca da Cunha-Baixa and Orca dos Padrões; 1894 - Orca da Carvalhinha; 1896 – Casa da Orca de Corgas de Matança, Casa da Orca de Cortiçô, Orca das Antas, Orca do Seixinho, Orca do Fojinho, Orca dos Juncais, Orca do Tanque and Orca de Forles; 1912 - Orca da Fonte do Alcaide and Orca dos Palheiros.

⁰⁴ — Cf. *Carteira de Maximiano Apolinário*. 1895. – Archive of the National Museum of Archaeology. We thank our colleague Dr. Luís Raposo, in the occasion Director of the National Museum of Archaeology, for the authorization to copy and study this precious document.

⁰⁵ — This collaborator of José Leite de Vasconcelos will intervene successively, during the year of 1895, in the following dolmens: Orca dos Braçais, Orca dos Fiais da Telha (or Lapa da Orca or Lapa da Moura), Orca of Rio Torto (or Pedra da Orca or Penedo dos Mouros), Orca do Carvalhal da Louça (or Fontão) and Orca dos Amiais (or Cova dos Moiros dos Amiais or Orca do Pinhal dos Amiais). Of these interventions, only those carried out on the monuments of Rio Torto and Braçais deserved more than a brief mention in his “Carteira”. The difference in quality of the interventions between the Master and his collector could not be greater.

⁰⁶ — Presently the National Museum of Archaeology.

After his retirement he was succeeded by Manuel Heleno, which will become the mentor of Irisalva Moita.

As mentioned before, in 1942 was established at the FLUL the *Centro de Estudos Históricos e Arqueológicos*⁰⁷ which, twenty years later in 1952, was divided in two Sections: History and Archaeology. The Archaeology Section was then attached to the *Museu Etnológico*, also under the directorship of the FLUL Professor of Archaeology Manuel Heleno, a practice that will continue till 1974.

As previously established, Irisalva Moita interest in Archaeology begun by the classical world⁰⁸. The contingencies of life for a Portuguese young female graduated in the 20th century, specifically in the fifties, decided⁰⁹ that she would attend an intership for Museum Conservators positions, where she finished with flying colors, in the first place position. The internship lasted from 1953 to 1955 and she produced a critical final report, in July 1955, entitled: *"Ante-projecto para a arqueologia do futuro Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos"*.

Accomplished the internship, the classical studies were definitely left behind (at least for a while). She began the study of the Beira-Alta megalithic monuments excavated under Leite de Vasconcelos direction¹⁰, that would lead to the publication of her paper almost ten years later (Moita, 1966).

She will visit personally, and in her own words, *about 25 monuments* (Moita, 1966. Our translation. Our italics.), dispersed through the Municipalities of Viseu, V. Nova de Paiva, Sátão, Mangualde, Nelas and Seia. Through careful and extensive bibliographic and toponymical research, she will propose the identification of several others in a total, nevertheless mostly unconfirmed, of 218 possible locations.

Of course Leite de Vasconcelos couldn't refer to the Gordon Childe's concept of "Neolithic Revolution" (Childe, 1935), but, in 1948, the Lisbon publisher Edições Cosmos promoted a Portuguese edition, combining three of Gordon Childe books – "Man Makes Himself", "What happened in History" and "Progress and Archaeology" – into a compact volume under the name of the first: "O Homem Faz-se a Si Próprio"¹¹. This Portuguese edition (Childe, 1948) will become mandatory reading for the Portuguese Universities students of History until after 1974.

Irisalva could not ignore its existence even being first attracted to Classical instead of Prehistoric Archaeology. Her paper, nevertheless, doesn't mention any non-Portuguese scholar in the eight footnotes she published, and prehistoric social theory, outside Leite de Vasconcelos and/or Manuel Heleno's ones, were

07 — Historical and Archaeological Study Center.

08 — "...desejaria ter como tema de estudo a antiguidade greco-romana nas suas relações com a arqueologia greco-romana em Portugal, buscando especialmente o conhecimento e crítica dos mosaicos do nosso país..." (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/27.01.1952).

09 — "...A minha actividade neste campo foi, porém, desviada a partir de meados do ano, para me entregar à preparação cuidada para o exame de ingresso ao Estágio para os lugares de Conservadores

de Museus que se realizou em Outubro último e onde fui admitida, ocupando o 1.º lugar..." (IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/15.12.1953).

10 — IAC. Liv. 3 Fls. 156. Proc. 5366/1.º volume/23.08.1955.

11 — The Portuguese translation and fusion was the dedicated and proficient work of two young Professors to be from the University of Lisbon: Vitorino de Magalhães Godinho and Jorge Borges de Macedo.

clearly not her subject. Otherwise unreferenced, she mentions, *en passant* through the text (Moita, 1966), the names of Bosch Gimpera (p. 189), Glyn Daniel (p. 190), and the Leisner couple (pp. 189, 190, etc.)¹². However, the monuments gazetteer is more thorough, providing, for every site, either confirmed or presumed, the previously known Portuguese references.

Two other questions, today abandoned as unacceptable cultural explanations, respect: (1) the eventual original first construction of the tholoi monuments, with an Aegean origin, the dolmens being their "degenerate copies" (*Id.*, pp. 192-193). Theory that Colin Renfrew will bury (Renfrew, 1976); (2) That the settlements associated with the Beira-Alta megaliths would be found as early occupations in the regional Iron Age Castros (Hillforts) (*Id.*, p. 190), idea probably influenced by the abusive extension of the Castro designation to Estremadura Chalcolithic settlements like Vila Nova de S. Pedro or Zambujal.

Other research problems, recognized by Irisalva (but that fell outside her possibilities of resolution at the time), were (*Id.* p. 190): (1) the small number of "...monuments investigated..."; (2) the unscientific nature of most of the interventions "...done by mere curious people..."; (3) the unreliability of the artifacts found without context "...we can only rely on the offerings of a small number of them..."; the inevitability of posing "...the problem [only] in terms of architecture..." when it was "...indispensable the plant-collection correlation...".

Nevertheless, Irisalva's paper constitutes, above all, a remarkable information *corpus* on the subject of Beira-Alta megalithism. Until one of the authors PhD thesis (Senna-Martinez, 1989) and the publication, ten years later, of the last volume of the Leisner couple *Megalithgräber* series (Leisner, 1998), it will remain the only and unavoidable reference on the subject.

However, taking into account what we said above, the inability, in methodological and epistemological terms, to overcome the contradictions resulting from the isolation in which, at the time, work was done in Portuguese academic circles, will lead Irisalva to today unsustainable conclusions – namely when further on the text she reiterates that "... making any attempt to classify from the funerary offerings of the Beira Alta dolmens does not seem feasible to me. The same archaism seems to characterize both the offerings of small *antelas* and dolmens without a corridor, as well as that of large monuments..." (Moita, 1966, p. 197). Thus, she does not realize that the offerings are often cultural palimpsests, resulting from different time and cultural depositions.

It will take the publication, in 1968, of Vera Leisner and Leonel Ribeiro excavations of the Carapito necropolis (Leisner and Ribeiro, 1968) to establish a first division, in Monument 3, of a later Early/Middle Bronze Age upper stratigraphic level with pottery, overlaying a Middle Neolithic one with geometrics, blades and other artifacts.

Opposing Irisalva's understanding, Leite de Vasconcelos excavations produced evidence of similar situations, although no so clear cut, In between

12 — We wonder if this could be the result of the political ambiance of Portugal in 1966 (then involved in the colonial wars), and a self-censorship or an imposed one, as a pre-condition for the publication in *Ethnos* which was a prestigious academic journal of the *Estado Novo* (the Salazar regime)? However this is neither the time nor the place to discuss the political options of Irisalva.

these three large dolmens, Juncais, Tanque and Forles. In between these three large dolmens a few hundreds of artifacts were found (Senna-Martinez, 1989, 1995). Juncais has more than 51 pottery vessels, 48 of them, at least, belonging to the Early/Middle Bronze Age, as well as more than a hundred Neolithic stone flaked arrowheads, blades and stone polished axes and adzes, etc. The stone polished artifacts were made of amphibolite, a regionally available rock, but most of the flaked stone artifacts are made of large flint blades or their fragments. Large enough flint nodules are nearest available in the lower Mondego area, implying the existence of inter-regional exchange networks.

The impossibility (inability?) of Irisalva to realize that artifact groups from the excavated monuments of Beira-Alta, namely in the case of pottery, are mostly cultural palimpsests that need decomposing, does not allow her to propose any periodization of the monuments use.

In terms of scientific honesty of an historical approach to the archeology of the dictatorship times, we have to say clearly that more could not have been done due to epistemological and methodological constraints imposed by that time predominant cultural environment, very adverse to everything that was related to culture and pre-nationality Portuguese past.

On top of that she was a woman...

But this is a reflection to be made in another time.

IV Some last words

But hers was a project too much ambitious for a solo person, even if Irisalva's project was too ambitious for a single person, even if she could have taken it as a life project, as her only project. She had the will, the strength, the knowledge, but she had no time. A time that was denied to her by her superiors at the Lisbon Town Hall when she asked for six months to finish the field work and to complete the catalogue. Lisbon town hall, its heritage, and museums needed her too much to let her go for so long.

Irisalva did not fulfilled completely her desires, neither as archaeologist, nor as university professor. Lisbon, on the other hand, did benefit, gained on having her in the centre of heritage discussion, and practice (Bugalhão, 2017; Leite, 2013). Though debatable, her legacy is unquestionable.

Lisbon, Spring 2020

ACKNOWLEDGEMENTS

We thank all the facilities in consulting unpublished material from several historical archives, and the teams from the two institutions (Sociedade de Geografia de Lisboa and Paços do Concelho) responsible for the Seminar where the oral version of this paper was presented for the first time.

Archives

Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Serviço de Pessoal

Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Actas do Conselho

Arquivo Histórico da Reitoria da Universidade de Lisboa – Processos de Discentes

Arquivo Histórico do Instituto de Alta Cultura – Processos de Bolseiros

Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia – Carteira de Maximiano Apolinário

References

BUGALHÃO, Jacinta (2017) - O papel das mulheres na arqueologia portuguesa. *Ophiussa*. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. 1, pp. 123-130.

CHILDE, Vere Gordon (1935) - Changing Methods and Aims in Prehistory. *Proceedings of the Prehistoric Society*. 1(1), pp. 1-15.

CHILDE, Vere Gordon (1948) - *O Homem Faz-se a Si Próprio*. Lisbon: Edições Cosmos.

COOKE, Rachel (2013) – *Her Brilliant Career. Ten Extraordinary Women of the Fifties*. London. Virago.

CRUZ, Domingos; VILAÇA, Raquel (1990) – *A Casa da Orca da Cunha-Baixa (Mangualde)*. Mangualde: Câmara Municipal de Mangualde.

DIAZ-ANDREU, Margrita and SØRENSEN, Marie-Louise Stig, eds. (1998) - *Excavating Women: A History of Women in European Archaeology*. London: Routledge.

FRINK, Lisa and WEEDMAN, Kathryn, eds. (2006) - *Gender and hide production*. Lanham: Altamira Press.

LEISNER, Vera (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen. 1/4. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, Vera; RIBEIRO, Leonel (1968) – Die Dolmen von Carapito. *Madrider Mitteilungen*. 9, pp. 11-62.

LEITE, Ana Cristina (2013) - Irisalva Moita e a arqueologia em Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses. Número 1, pp. 24-31.

MARTINS, Ana Cristina (2016) – Pioneiras da Arqueologia em Portugal: “another brick” against “the wall” of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924-2003). *Clepsydra. Revista de Estudios del Género y Teoría Feminista*. 15, pp. 77-100.

MOITA, Irisalva (1966) – Características predominantes do megalitismo da Beira Alta. *Ethnos*. V, pp. 189-297.

RENFREW, Colin (1976) – *Before Civilization. The radiocarbon revolution and Prehistoric Europe*. Harmondsworth: Penguin Books.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1989) – *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. PhD Thesis in Prehistory and Archaeology. University of Lisbon. 3 Vols.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1995) – The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view. In LILLIOS, Katina T., ed. - *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*. Ann Harbor, MI. International Monographs in Prehistory, «Archaeological Series». 8, pp. 64-94.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos (2018) – A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c. 5000-3000 BC). In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; DINIZ, Mariana; CARVALHO, António Faustino, eds. (2018) – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Lapa do Lobo (Nelas). Fundação Lapa do Lobo. pp. 167-181.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos; DINIZ, Mariana; CARVALHO, António Faustino, eds. (2018) – *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*. Lapa do Lobo (Nelas). Fundação Lapa do Lobo.

VASCONCELOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, José Leite de (1904) – Arqueologia Prehistórica da Beira. I Orca da Cunha-Baixa. *O Archeologo Português*. Série 1. IX, pp. 303-308.

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa – Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Textos

Ana Cristina Leite

Ana Cristina Martins

Ana Gonçalves

Ana Paula de Sousa Assunção

André Bargão

Carlos Didelet

Cristina Ramos e Horta

Eva Leitão

Felix Teichner

Guilherme Cardoso

Joana Sousa Monteiro

João Carlos de Senna-Martinez

Leonor Rocha

Lídia Fernandes

Maria Adriana Nóbrega Simões

Marília Teixeira de Sousa

Paulo Almeida Fernandes

Pedro Bebiano Braga

Pedro Teotónio Pereira

Rita Torre Vaz Freire

Rodrigo Banha da Silva

Sara Ferreira

Colaboração

Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa

Ana Cristina Martins, João Carlos de Senna-Martinez

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Cristóvão Fonseca, Lídia Fernandes,

Marcelo Varandas, Marina Marques

Impressão

Rigor das Cores - Impressão Gráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares

ISSN

2184-6979

Ano

2021

Depósito Legal

478164/20

Agradecimentos

Ana Cristina Martins, João Carlos

de Senna-Martinez, José Avelar,

Lurdes Garcia, Arquivo Municipal de

Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa)



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. One museum. Five places.